



A notícia na TV digital aberta

Sula de Castro Zaleski

Co-autora: Prof^a Ms. Silmara Regina Biazoto Gabriolli

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Este trabalho pretende analisar e explorar as diversas formas possíveis da veiculação de uma notícia com o advento da TV digital. Primeiramente disserta-se sobre o padrão Japonês, adotado pelo Brasil, e o sistema corresponde brasileiro, o SBTVD. A partir de entrevistas com teóricos da comunicação e decisões do governo, faz-se uma análise sobre como se comportará o jornalismo em meio a todas essas mudanças.

Palavras-chave

Notícia; TV digital; Interatividade; Telejornalismo; SBTVD.

Introdução

A notícia, resultado da disseminação da cultura da comunicação do homem durante sua história, sempre esteve em processo de transformação, tanto no meio pelo qual ela é passada, quanto ao surgimento de novas formas de sua veiculação. “Na Idade Média, as informações disponíveis para a população vinham embutidas em decretos, proclamações, exortações e nos sermões das igrejas” (LAGE, 1985, p. 8). A mudança de modo e meio de transmissão começou a mudar com a expansão marítima do séc XIII, “com as mercadorias chegaram técnicas e informações. [...] Os ‘avvisi’ (avisos) já podiam ser pregados nos muros[...]: dispensava-se o letrado que a tempos atrás teria de lê-los em voz alta” (LAGE, 1985, p. 9). No século XV Gutenberg dá o primeiro passo, com a criação dos tipos móveis, para que se iniciasse no séc. XIX a industrialização da notícia.

[...] Baixavam os custos por exemplar, armavam-se redes imensas de coleta de informações. [...] A publicidade passava a custear a maior parte dos custos editoriais. [...] A imprensa confundia-se com aquilo que mais tarde se chamaria de comunicação em massa (LAGE, 1985, p. 13).

Sula de Castro Zaleski é estudante de Comunicação Social-Jornalismo e cursando o 2º ano da graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu projeto de pesquisa para este trabalho foi aprovado pela Universidade com nota 9,73 e será desenvolvido ao longo deste ano; Email: sulacaza@gmail.com

Silmara Regina Biazoto Gabriolli, orientadora desta pesquisa, possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Metodista de Piracicaba (1992) e mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1995). É professora no Instituto Presbiteriano Mackenzie e suas pesquisas estão direcionadas para a produção de Documentário e a implantação da TV Digital no Brasil. E-mail silamrabiazoto@uol.com.br



Com o advento do rádio e depois da televisão, o meio impresso foi perdendo este caráter massificador, que foi transmitido respectivamente a estes meios de comunicação. A primeira transmissão da televisão deu-se em 1935, nascendo com ela uma nova forma de se criar e apresentar a notícia. Na televisão “o domínio é da informação visual”, o texto pronunciado pelo âncora é a complementação do que está sendo visto. Por ter essa forma imediatista e simplificada, a televisão e seus noticiários firmaram-se como principal meio de massa no Brasil, país que possui, em sua maioria, uma população de semi-analfabetos.

A produção, a edição e a veiculação das notícias são fases importantes de filtragem para então chegar ao receptor. Robert Park, ex-jornalista e sociólogo americano, “considera que as notícias têm como incumbência a construção da coesão social. Elas permitem às pessoas ficarem sabendo o que acontece em volta delas para tomarem atitudes e, através de suas ações, construir uma identidade comum” (apud PEREIRA, 2000, p. 65).

É um autêntico sintoma e a análise de sua produção lança muitas pistas sobre o mundo que nos cerca (FONTCUBERTA, 1993, p. 12). A informação ganha cada vez mais importância na contemporaneidade. Um cidadão mais informado criará uma melhor e mais completa democracia (SCHUDSON, 1996, p. 205). (JUNIOR, 2000, p. 62).

O Padrão analógico, padrão utilizado para a transmissão dos sinais de TV, vem sendo aos poucos substituído pelo digital. Em países como Estados Unidos, Inglaterra e Japão a TV aberta já se encontra neste novo padrão. No Brasil, os canais à cabo já operam com o padrão digital na transmissão de sinais, a discussão em questão é a digitalização da TV aberta no Brasil.

As pesquisas sobre televisão digital se consolidaram na década de 90 e desde janeiro de 2003 iniciou-se uma discussão sobre a criação de um padrão digital brasileiro, o SBTVD (Sistema Brasileiro de Televisão Digital). No entanto, já se passaram aproximadamente quatro anos e só foram veiculadas pela mídia impressa informações técnicas sobre o padrão a ser adaptado ao brasileiro e suas características.

Em clipagem dos jornais *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo*, encontram-se publicadas até agora 3.319 e 1.090 notícias sobre TV digital, respectivamente, o que comprova o fato da mídia impressa estar veiculando mais



informações sobre o assunto do que, mesmo que em sua maioria informações técnicas, a mídia na qual o sistema será implantado. A televisão pouco falou desta nova implantação.

É escasso ou quase nenhum o esclarecimento sobre em que estas mudanças afetarão os consumidores, que novos atributos serão incluídos na programação, como a interatividade será utilizada, como a nova tecnologia mudará a forma de veiculação das notícias pelos programas jornalísticos.

Pouco se discutiu até o dado momento sobre como o telejornalismo, o maior meio de transmissão de informação no Brasil, mudará com o SBTVD. É necessário, principalmente por se tratar da televisão aberta, que as informações sejam claras para toda a população que a utiliza, o que desde então não acontece. Torna-se imprescindível uma maior abordagem sobre o assunto, e que conseqüências essa mudança tecnológica trará para à sociedade brasileira, pois, como é afirmado em matéria da TV Mackenzie, ao permitir um volume maior de informações, a TV digital vai provocar uma mudança radical na forma de como vemos TV.

A capilaridade da mídia TV é enorme e a sensação de inclusão e a incorporação que o cidadão poderá sentir ao usar a TV e ver que ela lhe dá poderes de cidadania, de decisão, de escolha, de participação, de acesso a informações que antes estavam restritos a 'internet' ou outros meios que não fazem parte da cultura e do capital social desta grande massa de indivíduos (WAISMAN, 2002).

O que mudará na forma de produção e veiculação da notícia com a implantação da TV digital no Brasil? Baseada nas novas tecnologias trazidas com a implantação do SBTVD e a interatividade comunicacional que este novo sistema propiciará quando implantado nos canais abertos do Brasil; esta pesquisa terá como principal objetivo analisar as novas formas de jornalismo possibilitadas por este novo modelo, focando em como se comportará a notícia transmitida pelos meios áudios-visuais com a implantação da televisão digital. Além disso, analisará quais mudanças serão possíveis na veiculação da notícia pelos programas jornalísticos; verificará como a possível interatividade do SBTVD será implantada nos noticiários e se essa interatividade proporcionará uma maior pluralidade na produção dos telejornais.

“Os técnicos e pesquisadores já afirmam que a linguagem da televisão terá que ser totalmente reformulada. Tudo que se fez até hoje terá que ser revisto, [...] experimentando soluções até que se encontrem formatos próprios [...]”



(PATERNOSTRO, 1999, p.54). É de extrema importância, portanto, a pesquisa sobre como o jornalismo e sua mercadoria, a notícia, poderão vir a mudar a construção da coesão social com a TV digital e de uma nova linguagem, porque “por trás de toda tecnologia há uma pesquisa muito grande que vai influenciar a linguagem que caracterizará este novo padrão”, a televisão digital no Brasil, afirma o professor Carlos Dantas, do Laboratório de Rádio e TV Digital da Universidade Mackenzie.

Telejornalismo e as promessas para a TV digital

A televisão constitui o maior e mais abrangente meio de comunicação no Brasil, e é por este motivo que “os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade” (PEREIRA, 2000, p. 10), a mensagem que a população toma para si daquela realidade captada. O produto do jornalismo, a notícia, tem por função como afirma Robert Park, “orientar o homem e a sociedade num mundo real. Na medida em que o consegue, tende a preservar a sanidade do indivíduo e a permanência na sociedade” (apud PEREIRA, 2000, p. 65).

A comunicação torna possível a interação e ao mesmo tempo proporciona a convivência entre os homens já que a integração de um indivíduo ao seu ambiente e ao seu tempo está relacionada, de forma intrínseca, ao seu acesso à informação”(PATERNOSTRO, 1999, p.19).

As pesquisas sobre TV digital “começaram no final da década de 1980 e se consolidaram na década de 1990” (MONTEZ; BECKER, 2005, p.36). “Surge, no final da década de 80, o termo “tecnologia da informação” que incorpora em seu conceito a idéia de envolvimento de um conjunto de áreas: informática, telecomunicações, comunicações, ciências da computação, engenharia de sistemas e de ‘software’ ” (SANTOS, 2003). A fusão destas áreas torna-se essencial para que haja uma evolução tecnológica.

Desde 1998, “em um convênio com a Associação Brasileira de Rádio e Televisão, Sociedade Brasileira de Engenharia de TV e o Instituto Presbiteriano Mackenzie, começou-se a avaliar e comparar os três sistemas de televisão digital existentes: europeu, americano e japonês. [...] No ano 2000, o relatório final foi enviado à Anatel como subsídio para a decisão do padrão a ser adotado, constatou-se a melhor eficácia técnica do padrão japonês. Este padrão tem como principais características a recepção móvel, ou seja, maior facilidade na transmissão em mídias portáteis como



celulares e “notebooks”, sendo também “o mais robusto em qualidade de transmissão” (ANDRE, 2006).

No Brasil as discussões sobre um padrão brasileiro de televisão digital, que pode vir a mudar toda a forma existente de se fazer televisão, iniciaram-se em 2003 por intermédio do Ministério das Comunicações. Este ano o Brasil optou, respaldado pelos testes realizados, pelo sistema japonês, que servirá de base para o desenvolvimento de um padrão propriamente brasileiro, o SBTVD (Sistema Brasileiro de Televisão Digital), e através de parcerias com Universidades brasileiras iniciaram-se testes com todos os aparatos necessários à implantação da TV digital no Brasil.

A televisão “está passando por uma revolução tecnológica, e tudo vai mudar. Na verdade, o que está acontecendo é que a televisão está entrando na era da tecnologia digital e isso significa que todas as possibilidades que nossa imaginação puder criar são viáveis [...]” (PATERNOSTRO, 1999, p.50).

Juntamente a implantação da televisão digital no Brasil, há “uma série de questões envolvidas que vão desde o padrão de modulação, de transmissão e recepção, até o que se vai passar, a interatividade”, afirma Daniel de Thomaz, coordenador da TV Mackenzie. Através desta interatividade as mídias televisivas poderão então transformar-se, como denominam Carlos Montez e Valdecir Becker, em mídias frias, mídias estas que permitem “a interatividade, que deixam um lugar livre, onde os usuários poderão preencher ao interagir” (MONTEZ, BECKER, 2005, p.52).

Quando nós definimos os estudos da área técnica, definimos pelo padrão japonês, no qual o sistema brasileiro está baseado. A intenção era justamente oferecer aos geradores de conteúdo a solução mais flexível, mais adequada, mais robusta para que eles tenham a máxima liberdade possível, capacidade de explorar serviços novos e que a técnica não fosse um empecilho para isso. Então, a técnica que está lhes oferecendo, principalmente da área de jornalismo, uma oportunidade única de ter um sistema tecnicamente muito bom, muito flexível, muito adaptável às condições de residência, para vocês simplesmente gerarem o conteúdo (Carlos Dantas, 2005).

Para entender o emprego do termo interatividade, “é interessante fazer uma inclusão pela arte ‘pop’, uma vez que a ideia de ‘interpenetrabilidade’, fusão ‘sujeito-objeto’ (obra) é característica desse movimento” (MONTEZ, BECKER, 2005, p.48). A implementação da interatividade na TV aberta poderá vir a mudar o conceito de meio de massa, de “um produto cultural eminentemente industrial desenvolvido a partir de



regras que visam à racionalização da produção” (JOLY, 2002). “Os velhos estereótipos da mídia estão desaparecendo” (DIZARD, 2000, p. 20).

O uso da tecnologia digital na produção melhorou a qualidade das imagens e sons, mas essa mudança não se fez sentir no formato dos programas. Com o advento da televisão digital, o caminho trilhado pela programação das grandes redes brasileiras de TV passa, necessariamente, pela convergência entre televisão e Internet, entre outros suportes expressivos, tendo em vista o desenvolvimento de programas interativos (JOLY, 2002).

Em meios como a “Internet” e “videogame” a interatividade já domina grande parte dos produtos gerados por essas indústrias, neles o receptor já dialoga com essas tecnologias, podendo decidir que caminhos tomar, e selecionar o que for de seu interesse pessoal.

De acordo com a COMISSÃO EUROPÉIA (1997), entre os exemplos de produtos e serviços oferecidos pelas novas tecnologias encontram-se: os serviços de dados sobre as plataformas de radiodifusão numérica; os lançamentos em rede das atualidades, dos esportes, dos concertos e outros serviços audiovisuais; operações bancárias ‘on-line’, ‘chats’ e grupos de discussão, correio eletrônico, serviços específicos de ‘internet’ como acesso aos dados da ‘world wide web’ (www) por intermédio das pesquisas de celulares, ainda que sua utilização seja empresarial; e os serviços em linha combinados com a televisão dos sistemas de ‘Web-TV’ ou em outros países a TV interativa com transmissor via cabo ou satélites numéricos (SANTOS, 2003).

A interatividade na televisão aberta modificará todas as condições de “produtos de informação e entretenimento centralmente produzidos e padronizados, distribuídos a grandes públicos através de canais distintos” (DIZARD, 2000, p. 23). Falta-nos avaliar como ela será possível ao massificado, porém distinto grupo de consumidores. Esta nova mídia poderá possibilitar que receptores tornem-se emissores, a troca de informações poderá ser mais igualitária e democrática, dependendo da condução do projeto por parte do governo e emissoras de televisão.

A transição para um acontecimento transformar-se em notícia passa por um filtro denominado critérios de noticiabilidade, que muda conforme o meio em que é produzida a notícia, basta saber se estes critérios poderão sofrer alterações com a implantação do SBTVD no Brasil.

Independentemente das exigências da mediação, existe um conjunto de critérios de seleção de acontecimentos, isto é, uma escala de valores que permite analisar o grau de possibilidade de um acontecimento se transformar em notícia [...].No caso da televisão, o privilégio é sempre dado aos acontecimentos de última hora (CANAVILHAS, 2001).

Segundo Liliana Nakonechnyj, diretora da Divisão de Engenharia de Telecomunicações da Rede Globo, “junto com as imagens, poderemos também enviar dados complementares que enriqueçam o programa ou, como em eventos esportivos, oferecer mais de um ângulo de câmera [...]” (apud MONTEZ; BECKER, 2005, p.36), acredita também que a TV digital “deve evoluir através das próximas décadas, preservando e expandindo o papel da TV aberta brasileira como principal geradora de entretenimento e informação audiovisual, e de principal difusora da cultura nacional no país e no exterior” (apud MONTEZ; BECKER, 2005, p.170).

Em debate sobre a HDTV – High Definition Television - e TV digital, o professor de rádio e TV do Instituto Cásper Líbero, Maurício Donato, prevê que “haverá uma convergência de mídias. O telefone e a ‘internet’ vão estar na televisão, que passará a transmitir dados. O telespectador poderá gravar a programação, fazer sua própria grade, responder a perguntas pelo controle remoto, entre outras facilidades” (PÉCORA, 2006). Na palestra de TV digital, Luis Gudín, representante de engenharia da TV Globo, afirma existir como meta para o Brasil em dezembro de 2007, a entrada da programação digital no ar com alguns programas já operando em HDTV.

As emissoras estão se preparando para serem digitalizadas, isso tem um custo, por volta de um e meio milhão de dólares, o governo está tentando abrir linhas de financiamento para este processo e esse é um processo que começa na captação de imagens, inicialmente, depois a transmissão e aí vai ser pensar no que se fazer em termos de interatividade e conteúdo (mediador)

A HDTV — padrão de imagem a ser implantando juntamente à TV digital, “vai mexer com a forma de se fazer televisão. Aí sim, começa também uma revolução para nós, jornalistas – e todos que trabalham em televisão, tanto no conteúdo, quando nos formatos da programação” (PATERNOSTRO, 1999, p.53).

A mídia interativa é a grande esperança dos setores de mídia e de telecomunicações na sua própria reestruturação para competir no novo contexto das comunicações de massa; é também um conceito vago, envolvendo mais promessa do que desempenho. O objetivo final da mídia interativa – aceitação em grande escala pelos consumidores – ainda está para ser concretizado (DIZARD, 2000, p. 37).



Tecnologia, democratização e o patrocínio do governo no conteúdo da TV digital

O governo estabeleceu prazo até 2013 para que o Brasil esteja coberto pelo padrão digital de televisão, no entanto, “os primeiros programas no formato devem demorar mais uns dois anos para ir ao ar. Ou seja, ainda falta tempo para que o modelo que promete revolucionar a forma de assistir televisão fique realmente popular” (Gazeta do povo). Além disso, “a implantação vai depender muito do comportamento das emissoras. Terá muito investimento [...], prazos que serão quebrados porque são investimentos financeiros muito grandes” (SQUIRRA, 2007).

A digitalização da TV aberta não se dará de forma homogênea ao território brasileiro, “primeiro serão digitalizadas as transmissões das geradoras, ou seja, das cabeças de rede nacionais, as subsidiárias da concessão principal e a partir daí as repetidoras e retransmissoras” (BECKER, 2007). Em dezembro deste ano São Paulo já contará com o sinal, que gradativamente será implantado no restante deste e dos outros estados.

O Governo será a parte decisiva para o rápido alcance da TV digital no Brasil, através do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) aprovou em fevereiro de 2007 o Protvd (Programa de Apoio à Implementação do Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre) com orçamento de R\$ 1 bilhão e vigência até 31 de dezembro de 2013, data máxima dada pelo governo para a implantação do sistema digital em todo o território brasileiro. Foi a partir do Protvd que a emissora SBT, por exemplo, será financiada com R\$9,2 milhões, “garantindo a qualidade do sinal durante o período de transição da TV analógica para a TV digital”.(site Folha de São Paulo)

Para atender às necessidades dos diversos segmentos do setor envolvidos no processo, o programa foi subdividido em três: O Protvd Fornecedor, que financiará fabricantes de transmissores e de receptores, o Protvd Radiodifusão, destinado ao financiamento do setor de radiodifusão televisiva para construção de infra-estrutura digital e de estúdio, e o Protvd Conteúdo, voltado para a produção de conteúdo exclusivamente nacional. (site BNDES)

A notícia, principalmente sua produção receberá investimento através do Protvd conteúdo, pois a multiprogramação da TV digital, “associada à televisão de alta definição (HDTV), amplia a demanda por novos produtos audiovisuais. Em função disso, o Banco apoiará novos projetos de produção de conteúdo nacional para documentários, dramaturgia [...] e educativos” (site BNDES), realizados pela concessionária de radiodifusão ou por produtoras independentes. “É o conjunto de



aplicativos que vai dizer se a televisão digital vai se restringir aos novos patamares de qualidade de imagem e de formas de escolha de programação pelo espectador, ou se ela será o suporte legítimo para o que essa tecnologia de fato agrega ao meio” (HOINEFF, 2005).

Por esta multiplicidade de programação e de canais de transmissão, a TV digital trouxe a esperança da democratização em um meio de comunicação de massa, mas “a televisão é um elemento que faz parte do sistema Capitalista e ela tem os mesmos princípios que uma fábrica de tomates ou uma montadora de carro, ela tem produtos” (SQUIRRA, 2007). Em entrevista, Squirra acredita que já há uma maior democratização pela pluralização da notícia, pela variedade de programação que o espectador pode escolher assistir, no entanto, acredita que essa democratização não virá pelo empresário, pois “ele só quer ver um jeito melhor de ganhar dinheiro” (SQUIRRA, 2007):

A questão da democratização não está atrelada à tecnologia, está atrelada a custos de implantação. A TV digital permite que se tenham mais canais, mas estes canais não estão faltando hoje. Exceto São Paulo que não tem espectro para novas concessões, todo o resto do Brasil tem, qualquer um pode abrir uma nova emissora de TV, porquê não fazem isso? Porque é muito caro. Então isso não vai mudar com a TV digital, a questão aí é econômica, é quem vai pagar as contas. (BECKER, 2007)

Pelo maior número de pontos em linha, de 400 x 400 *pixels* poderá ser de até 1920 x 1080 *pixels*, a TV digital mobilizará toda a pré-produção, produção e técnica dos programas, inclusive os jornalísticos.

A HDTV vai trazer um desafio complementar e mais caro. Isso altera radicalmente maquiagem, iluminação, cenários, vestimentas e qualidade do áudio também. Então nós temos um refinamento no trato da imagem e do áudio.

[...] Temos um desafio gigantesco com a implantação da TV digital, por isso vai demorar, porque nós não temos mão-de-obra para isso. A Globo já lançou a proposta de que vai gastar 100 milhões de reais por ano para formar as novas potencialidades, ela tem que investir nos próprios técnicos que são os melhores do Brasil.

[...] Eu vejo que o conteúdo não vá mudar muito, e sim as formas de ver esse conteúdo. Num jogo de futebol, por exemplo, teremos mais câmeras no jogo, poderemos ver o jogo com uma câmera instalada na cabeça do goleiro de futebol. Nós só vamos aumentar a performance tecnológica. Os programas de debates continuarão existindo, só que a qualidade estética vai requerer novas competências. (SQUIRRA, 2007)

A interatividade, a mais interessante das novas tecnologias na TV digital, é junto à HDTV -imagem de alta definição- os pontos principais para o espectador da nova TV aberta. “Hoje não há interatividade, porque o jornalista noticia um dado e nós ouvimos

na outra ponta. Se você quiser pegar o telefone ou o controle remoto e dizer ‘me explique melhor essa notícia’, você não pode, ele não está lá a sua disposição”. (SQUIRRA, 2007). Com o advento da TV digital, ela “vai mudar a qualidade da imagem e aumentar a interatividade. Vai haver uma expansão de conteúdo, como cenas alternativas, ângulos diferentes do que está sendo transmitido” (Gazeta do povo).

Já há muitos experimentos do sucesso da interatividade nas TVs digitais em outros países, como na Inglaterra, por exemplo, desde votar, escolher letra de música até uma forma muito sofisticada, um teste de *QI* que a *BBC* colocou no ar. Enquanto algumas pessoas famosas respondem à perguntas no auditório, o telespectador responde a mesma pergunta em casa e de certa forma compete com esse artista no auditório. Há vários tipos de interatividade testados, *e-mail* que não deu certo, acesso à banca. O que está dando mais certo é aposta, cassinos, jogos, loterias e alguma coisa de comércio eletrônico. No telejornalismo que isso foi pouco experimentado. (BECKER, 2007)

O telejornalismo, como parte deste sistema digital também sofrerá mudanças, no entanto, a maioria dos teóricos prevê que essa interatividade se concentrará na comercialização de produtos pela televisão.

[...]até agora no exterior não mudou nada. É possível que se tenha alguma interatividade, mas a forma como isso se manifesta não foi experimentado ainda em nenhum outro país que tenha mudado o telejornalismo em si. O que se fez por exemplo é pegar opiniões de telespectadores, sugestão de pautas, alguma coisa assim, mas isso não depende do telejornalismo, pode ser qualquer tipo de programa, isso não muda o formato do telejornalismo por exemplo. (BECKER, 2007)

Ao se tratar de interatividade, muitos teóricos acreditam que ela será possível pela convergência de mídias, pois “o projeto TV digital visa integrar a televisão na Internet, gerando uma mídia interativa e cheia de possibilidades” (VAZ):

Tal como no computador, em que você pode trabalhar com dois ou mais programas abertos, você poderá assistir a um programa e eventualmente entrar em outro para dar uma bisbilhotada. O controle remoto será seu mouse. Como se estivesse com um cd-rom em execução, poderá saber detalhes pessoais do ator que está aparecendo ali na hora, uma rápida biografia do autor do gol ou a entrevista completa do cantor da qual acabou de ouvir apenas um pedacinho. Ou seja, não se trata de evolução, e sim de revolução (CUNHA, 2000).

Do ponto de vista tecnológico é possível essa convergência de mídias. “Você pode ter a caixinha, o receptor que recebe *Internet*, mas qual que é o interesse de uma emissora de TV que isso aconteça? Você estará usando que é destinado a ver TV pra fazer outra coisa, [...]daí a inclusão da TV digital que se falou muito caiu por causa disso. (BECKER, 2007). Novamente, se o governo não intervir, as novas possibilidades da TV digital serão barradas por interesses econômicos.



Referências Bibliográficas

ANDRE, Érico. Tudo sobre a escolha do padrão de TV Digital. 2006. Disponível em: http://www.simplesconsultoria.com.br/midia/artigos/erico_andrei/20030120. Acesso em: 15/11/2006

BECKER, Valdecir; MONTEZ, Carlos. TV digital interativa: **conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil**. 2ª edição. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005. 200 p.

BECKER, Valdecir. Entrevista a Sula Zaleski. 2007

BNDES aprova programa de financiamento à TV Digital, 02/2007. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/noticias/2007/not036_07.asp. Acesso em: 27/05/2007

CUNHA, Paulo José. A tevê digital e as previsões imprevisíveis. 03/12/2000. Disponível em: www.jornalismoemclose.com.br. Acesso em: 02/03/2007

DIZARD, Wilson. A nova mídia: **a comunicação de massa na era da informação**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 324 p.

HOINEFF, Nelson. O FUTURO, AGORA: **TV digital, o começo e os fins**. 13/02/2005. Disponível em: www.observatoriodaimpressas.com.br. Acesso em: 14/03/2007

JOLY, Ana Vitória. A interatividade na televisão digital: **um estudo preliminar**. 2001. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 01 nov. 2006.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 1985. 64 p.

LOPEZ, Débora Cristina; DITTICH, Ivo José. A superficialidade nas reportagens apresentadas pelo Jornal Hoje: **uma abordagem ducrotiana do telejornalismo brasileiro**. 2004. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 01 nov. 2006.

PEREIRA, Alfredo Eurico Vizeu. Decidindo o que é notícia: **os bastidores do telejornalismo**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 139 p.

PATERNOSTRO, Vera Íris. O texto na TV: **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1999. 158 p.

PÉCORRA, Luísa. Debate reflete acirrada discussão sobre TV digital. 2006. Disponível em: http://www.facasper.com.br/jo/@casper.php?id_noticias=655. Acesso em 19/10/2006

SANTOS, Adriana Cristina Omena. Reflexões sobre a convergência tecnológica: **A TV digital interativa no Brasil**. 2003. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em 23 out. 2006.

SBT ganha financiamento de R\$ 9,2 mil para ter TV digital. 12/04/2007 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u70653.shtml>. Acesso em: 27/05/2007

SQUIRRA, Sebastião. Entrevista a Sula Zaleski. 2007

VAZ, Verônica Taquette. **Redes e Multimídia: TV Digital Interativa**. Disponível em <http://www.gta.ufjf.br/veronica>. Acesso em: 14/03/2007

WAISMAN, Thais. **TV digital na educação: afinal, interatividade para quê?**